

# Apresentação

A idéia de um dossiê da Revista *Vária História* organizado em torno da temática História Intelectual e Política origina-se de duas motivações fundamentais. De um lado alargar o horizonte de referências e, por conseguinte, de compreensão dos interessados no estudo das culturas políticas na história. De outro, destacar a contribuição da história intelectual — nas suas diferentes abordagens e perspectivas — para a análise dos fenômenos políticos, permitindo assim uma maior exploração das várias relações/interações entre a vida cultural e política. Junto aos interesses acima mencionados, este dossiê, como os demais da *Vária História*, visa assegurar um espaço para os debates historiográficos e o ensaio de novas idéias.

Na trilha do conceito de Direitos Humanos, sua emergência e estatuto no interior do mundo político moderno, o artigo de Lynn Hunt, *O Romance e as Origens dos Direitos Humanos. Interseções entre História, Psicologia e Literatura*, nos propõem a um só tempo uma reflexão criativa sobre os limites da história intelectual, e as vantagens do alargamento do seu escopo analítico. Nesta linha, a autora empreende uma arqueologia da linguagem dos direitos humanos, sem descurar dos discursos filosóficos e das disputas políticas por direitos, que tiveram como pano de fundo as Revoluções Americana, de 1776, e Francesa, de 1789, para então, via a leitura dos romances epistolares no século XVIII, encontrar na crescente autonomia individual e na noção de “empatia imaginada” os fundamentos dos direitos humanos. Os efeitos psicológicos e emocionais provocados por esse gênero de leitura, a exemplo da conquista do *self* guardariam, assim, um dos segredos da ressonância dos direitos humanos.

Em *História, eventos e narrativa: incidentes e cultura do cotidiano*, Robert Darnton, na sua leitura do livro *O Assassinato Sentimental. Amor e Loucura no século XVIII*, de John Brewer, vai problematizar, com sua originalidade habitual, a emergência de uma nova história dos incidentes, surgida do interesse dos historiadores por fatos menores, mas nem por isso menos presentes na vida dos homens co-

munos — à exemplo de crimes de assassinato, atrocidades, escândalos, entre outros que fazem a alegria da imprensa sensacionalista, — bem como por sua repercussão pública e formas de apropriação e divulgação na mídia. Do acompanhamento crítico da análise de John Brewer, com seus vários meandros em torno de um crime passional na Londres do século XVIII, e de seus desdobramentos, versões e manipulações sentimentais, Darnton recupera a potencialidade da análise dos incidentes da vida cotidiana através das suas formas de comunicação midiática, o que nos é muito sugestivo para pensar os vários debates de idéias, e que, a seu ver, pode levar os historiadores a buscar e encontrar outras respostas no passado.

Por outras vias, o artigo de Christophe Prochasson, *Emoções e Política: Primeiras Aproximações* nos leva também aos sentimentos, em particular ao seu papel na vida política. Alinhado com a perspectiva de uma História Política que contemple, entre outras, as dimensões afetiva e simbólica, tal como possibilitada entre outros, pela análise das culturas políticas, e após realizar um rico percurso historiográfico pelas novas formas de abordagem do político na História, o autor toma o pensamento político de Tocqueville como um caso exemplar a favor de uma história das emoções políticas. As emoções coletivas fundando vínculos políticos entre os indivíduos; a força das paixões, comandando a ordem política, ao lado dos mais legítimos interesses racionais; as cargas emocionais intervindo sobre os comportamentos políticos e as formas de ação; são temas que vão se perfilando na leitura instigante que o autor empreende de *A Democracia na América* e *Lembranças de 1848*.

Por seu lado Elías Palti, no seu artigo *História das Idéias e História das Linguagens Políticas. Acerca do debate em torno dos usos dos termos “povo” e “povos”*, revisita o tema da elaboração do conceito de nação na América Hispânica tomando como referente o discurso independentista e a utilização, no seu interior, de formas diferentes da palavra povo, seja no singular ou no plural, como chave para pensar a alteração das linguagens políticas. Em clara afinidade teórica com os estudiosos das terminologias e conceitos políticos, e em franca colisão com a antiga tradição de uma história das idéias, o autor estabelece um diálogo franco e consistente, com os aportes de uma historiografia que, ao analisar a concepção de nação conformada no discurso político latinoamericano do período da emancipação, acabou por definir uma chave de leitura baseada em antinomias, a exemplo de liberalismo/tradicionalismo, tradição/moderno, informadas pelo teor ideológico dos discursos.

No horizonte da história político-intelectual na Hispanoamérica Maria Helena Capelato, no artigo *Cuadernos Hispanoamericanos: Idéias*

*Políticas numa Revista de Cultura*, acompanha a construção e instrumentalização de um ideal de *hispanidad* na trajetória de num periódico de cultura criado para circular nos países de língua hispânica, no âmbito de uma política americanista do governo espanhol definida após a segunda grande. Ponto de encontro de intelectuais e homens políticos oriundos das hostes franquistas, simpáticos ao nacionalismo, a revista ainda assim, nos mostra a autora, acolhe um múltiplo e contraditório conjunto discursivo. É justo esse aspecto que o artigo dará relevo, ao se orientar pela busca da relação texto-contexto e dos para-textos culturais, os quais conformam, na referida publicação, os padrões de uma interação das idéias com uma dinâmica político-social marcada pela emergência da Guerra Fria e pelas disputas de poder no interior do regime franquista.

A primeira grande guerra tomada como pano de fundo para uma história dos intelectuais e seus posicionamentos políticos é o tema do artigo de Yael Dagan, *Civilizados, Bárbaros e Europeus. Três Homens de Letras em Face do Inimigo. 1914-1925*. Nele, a autora segue os escritos e os conflitos pessoais de três importantes intelectuais franceses, a saber, André Gide, Jean Schlumberger e Jacques Rivière, em torno da mobilização patriótica durante a Primeira Guerra Mundial e no imediato pós-guerra, até 1925, período que qualifica da passagem da guerra à paz. Detendo-se nas representações do “inimigo nacional” conquanto elemento forte das representações coletivas da época, e rastreadas numa pesquisa meticulosa dos escritos desses homens, em particular seus textos na *La Nouvelle Revue Française (La NRF)*, e suas correspondências pessoais, a autora põe a nu os mecanismos de mobilização e de desmobilização cultural no qual esses escritores estiveram engajados, para além das suas experiências com a guerra.

O tema do engajamento, como princípio definidor da figura moderna do intelectual e de sua contrapartida, o silêncio dos intelectuais, é o fio condutor do artigo *O Intelectual no “Campo” Cultural Francês: do caso Dreyfus aos Tempos Atuais*, de autoria de Helenice Rodrigues. Do acompanhamento da noção de intelectual, remontando à sua origem no final do século XIX, na França — ocasião em essa categoria social faz sua aparição através da sua atuação política no espaço público — passando pelas várias concepções, formas e crises do engajamento dos intelectuais franceses ao longo da história contemporânea do século XX; e chegando ao ocaso de um modelo de representação do intelectual nos anos 80, a autora repõe a urgência de uma reavaliação da função crítica dos intelectuais. Na análise da força, no discurso engajado, de termos como verdade, valores morais, consciência crítica, liberdade; num contraste ente o intelectual

engajado e o *expert*, um quadro vivo da cultura intelectual francesa é aqui traçado.

Diante de tal riqueza e diversidade espera-se que a organização desse Dossiê tenha cumprido seus objetivos.

Belo Horizonte, Verão de 2004/2005

**ELIANA DE FREITAS DUTRA**

(organizadora)

Dep. História/UFMG

erdutra@terra.com.br